

primeiros quatro livros (Morfologia e Sintaxe), à qual, contudo, em boa-hora acrescentou o índice, presente no livro V do original, uma vez que parte dele se refere aos livros tratados. Em seguida, o autor oferece uma descrição dos princípios metodológicos usados para a realização da edição: justificação da escolha do texto base; edições cotejadas; critérios para o estabelecimento do texto; numeração e paginação; pontuação; uso de minúsculas e maiúsculas; uso de semivogais e semiconsoantes; sinais de nasalização; omissão de acentos gráficos; tratamento das citações dos autores clássicos; tradução do texto latino. Em todos estes aspetos, as opções são claras e justificadas, refletindo bem o conhecimento que J.G. tem do texto, da sua história, das polémicas científicas que sobre ele recaíram. A introdução termina com um elenco bibliográfico de fontes e estudos e com o *Conspectus Sigilorum*. Em seguida, o autor oferece-nos 235 páginas, ao longo das quais apresenta a edição do texto. À limpidez e acessibilidade da mesma corresponde igualmente um aparato crítico claro e objetivo, de grande rigor filológico; a estes J.G. acrescenta ainda abundantes e esclarecedoras notas, no final de cada livro editado, reveladoras do seu elevado grau de conhecimento quer gramatical, quer filológico, quer da história do texto e das suas fontes. Por tudo isto, a obra de Juan Gómez constitui simultaneamente a feliz e muito necessária divulgação de um texto de grande importância cultural e doutrinal e uma aquisição qualitativa de grande valor para a coleção de excelência, e absolutamente imprescindível para o estudo do Renascimento, dirigida pelo Professor Sánchez Salor (*Grammatica Humanistica*), que assina também a apresentação desta edição.

CLÁUDIA TEIXEIRA

CECHUC-UNIVERSIDADE DE ÉVORA

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_66_23

António Beccadelli, El Panormita, *Dichos y hechos de Alfonso, rey de Aragón*. (*Discurso de Alfonso con motivo de la expedición contra los Turcos. El triunfo Alfonsino*). Edición de Santiago López Moreda. Akal. Clásicos Latinos Medievales y Renascentistas. Madrid, 2014.

Santiago López Moreda, autor de várias monografias sobre semântica e literatura latinas, é um notável investigador que tem vindo a enriquecer o património da comunidade científica nacional e internacional com estudos e elegantes traduções comentadas de obras clássicas, de Valério Máximo

(*Hechos Y dichos memorables*) e Aulo Gélio (*Noches áticas*) – duas referências literárias no Humanismo Renascentista – e ainda de autores do *Quattrocento* italiano, desde Lorenzo Valla (*Historia de Fernando de Aragón* (1445), que se segue à primorosa edição que publicara das *Elegantiae*.

Sai agora a lume a edição de António Beccadelli, *El Panormita, Dichos y hechos de Alfonso, rey de Aragón*, num belo volume, com uma “Introdução” (p. 11-68), precedida de um “Prólogo” e de um “Quadro cronológico” (p. 5-10), e apoiada em bibliografia seleccionada (p. 63-68), do maior interesse para a inserção da obra e do autor na sua época e nas correntes de pensamento e de acção que norteiam a actividade política dos *principes* e ditam o rumo da história.

Integrada na linha de investigação do autor – professor catedrático de Filologia Latina na Universidade da Extremadura - Cáceres – «El exemplum en la retorica clásica, Plutarco y Valério Máximo: su proyección en la historiografía cristiana y la historiografía hispanolusa en lengua latina de los siglos XV y XVI», o estudo e a tradução comentada da obra *De dictis et factis Alphonsi Regis Aragonum libri* (*Dichos y hechos de Alfonso, rey de Aragón*), dedicada a Giovanni de Médicis (1485), é seguida do opúsculo *Alphonsi regis triumphus* (1443) que apresenta o “Discurso de Alfonso con motivo de la expedición contra los turcos” e “El Triunfo Alfonsino”. O motivo do carro triunfal, de inspiração clássica, que o artista Dürer usaria no seu desenho, para imortalizar o Imperador Maximiliano I da Alemanha, inspirara já antes o discurso latino de Antonio Beccadelli, o Panormita.

A combinação destas duas obras do humanista áulico da corte Alfonsina, contribui para retratar, em todas as vertentes da sua personalidade, a imagem modelar do monarca napolitano aragonês, mais mediterrâneo e europeu que espanhol, que «se anticipó en el tiempo a la política que seguirían los Reyes Católicos y Carlos V, especialmente en lo que concierne al maridaje entre literatura y poder». E especifica o autor «Los humanistas de más renombre de su tiempo, Pontano, Lorenzo Valla, Poggio Bracciolini, Bartolomeo Faccio y el propio Beccadelli, todos ellos poetas e historiadores áulicos, vivieron en la corte y cantaron las gestas y glorias guerreras del rey haciendo de Nápoles el Parlamento europeo actual por la convivencia de latin, castellano, catalán e italiano» (p. 5).

Este estudo de Santiago López Moreda, na sua abrangência e especificidade próprias, sobressai pelo domínio perfeito e conhecimento profundo desta época, em que se formam os novos estados europeus, em que se implicam, nas suas diversificadas vertentes, os poderes político,

social, económico e religioso, em que se firmam as raízes do movimento humanista italiano, que irradiaria por toda a Europa culta e viria a contar com discípulos à escala universal, em todas as áreas do saber.

Além disso, López Moreda, com a perspicácia e o sentido do essencial que lhe são próprios, capta a teia de relações humanas subjacentes aos diferentes interesses de vária ordem e representa, como num espelho, as imagens de príncipes e reis, de cidades e impérios, de batalhas e de alianças, de humanistas ilustres, e do xadrez em que se movimentam, reflexo do evoluir no espaço e no tempo de ideias e valores, em que *scientia est potentia*, na expressão que viria a empregar Francis Bacon.

Uma primeira abordagem sobre “La historia en el Renacimiento. Los modelos” (p. 11- 16) onde são apresentadas as edições e as traduções, desde o século XV, sobretudo de autores como Tito Lívio, Valério Máximo, Quinto Cúrcio, Plutarco e Xenofonte e postas em relevo as biografias relativas aos homens ilustres, consideradas abundantes coleções de *exempla*, desde Petrarca, que em *De uiris illustribus* afirma: «Si no me equivoco, este es el fin más fructífero de la historia: seguir o rechazar los ejemplos».

Segue-se um breve apontamento biográfico do Rei Afonso de Aragão, o “Magnânimo”, com um brilhante enfoque sobre a sua corte, palco político e intelectual de grandes humanistas, retratados no seu perfil individual, ao mais ínfimo pormenor, e também através da sua produção literária, apresentada no seu contexto próprio, sua génese e intenção última, em que sobressai a imagem do *princeps*. São estas as palavras do autor: «Pocas figuras de la historia resultan tan poliédricas como la de nuestro biografado, de un lado, porque su vida discurre mayoritariamente en Sicilia y Nápoles, lo que aumenta la curiosidad por el rey ausente que deja en manos de su esposa Maria las riendas de los reinos de España, de otro, porque su estancia en Itália coincide con una de las épocas más convulsas de la península, con enfrentamientos constantes entre las ciudades más pujantes, Florencia, Génova, Milán, Nápoles y los Estados Pontificios, y también, porque el perfil del monarca nos llega de la pluma de hatoriadores áulicos, como lo son Lorenzo Valla, si bien en la historia que escribió de su padre, Fernando I de Aragón, y sobre todo por Antonio Beccadelli, cortesanos ambos (p. 23-24)».

É sobre Antonio Beccadelli, el Panormita, sua vida, sua formação literária, seus amigos, sua concepção de história, que se desenrolam interessantes considerações (31-38) que preparam a análise da obra *Dicta et facta e Triumphus*: sua estrutura, tendo em conta os modelos clássicos da literatura

paremiológica, a língua e o estilo, a função retórica dos *exempla*, os problemas da tradução, a transmissão da obra, suas edições e traduções (38- 62).

Neste particular, só um grande autor ousaria retomar o estudo de uma obra, traduzida e editada desde o Renascimento (a tradução castelhana de Juan de Molina foi editada em Valência, em 1527) ao século XXI (a edição de *De dictis et factis Alphonsi regis* sai a lume na Biblioteca Italiana, Roma, 2004), com assinalável frescura e originalidade, devidas não só ao avanço dos conhecimentos que a bibliografia testemunha, como ainda à notável capacidade de Santiago Lópes Moreda de realçar aspectos de uma grande riqueza e modernidade, com grande rigor e abertura de horizontes, como filólogo latino e eminente estudioso do Humanismo Renascentista.

Esta tradução comentada da obra de Panormita sobre Afonso de Aragão, o Magnânimo – com o estudo que a precede – é uma obra incontornável para o conhecimento do movimento humanista do *Quattrocento*, que está nas origens do movimento europeu e dos seus valores estruturais.

NAIR CASTRO SOARES

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_66_24

Carlotta Capuccino, APXH ΛΟΓΟΥ: Sui proemi platonici e il loro significato filosofico. Florença, Leo S. Olschki Editore, 2014.

Quando Kant propõe na sua *Crítica da Razão Pura* aquelas que chama as ‘Anfibolias da Razão Pura’, está-se a referir a um conjunto determinado de problemas para os quais o uso da razão em estado puro não pareceria oferecer resultados, visto ser possível aduzir argumentos para ambos os lados do argumento que o façam entrar em contradição. Longe de ser uma mera redução dos problemas a uma questão de revelação ou de misticismo, o que se passa é que foram esgotados os argumentos para uma parte e a outra sem que daí tenha resultado um triunfo inequívoco ou sequer potencial para alguma das duas. Encontramos certamente a possibilidade de traçar um paralelo semelhante quando analisamos um campo um tanto distante da pesquisa histórico-filosófica, aquela que nos estudos da Antiguidade é talvez o único enigma capaz de tentar sequer ombrear aquela grandiosa questão dita Homérica, ou seja, aquela a que poderíamos chamar a Questão Platónica. Em sentido lato, essa questão pauta-se pela colocação de duas perguntas relacionadas mas distintas: